LITERATURA DE CORDEL:
POR QUE E PARA QUE TRABALHAR EM SALA DE AULA

Roberta Monteiro Alves (UFS)[1]

RESUMO

Este artigo pretende instigar o debate sobre o trabalho com Literatura de Cordel nas salas de aula do Ensino Médio, partindo de uma concepção que considera essa manifestação artística popular como uma forma de representação de uma realidade social que precisa ser abordada de forma direta e crítica. Para este momento, ancoramo-nos em teóricos como Bakhtin, Vygotsky, Chiappini, Rojo e outros, que enfatizam, cada um de modo particular, a necessidade de se trabalhar a literatura numa interdependência entre o contexto sócio-histórico e a arte, a fim de despertar o interesse do aluno pela condição social, histórica, política e econômica daqueles que produzem e lêem cordel.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Neste artigo propomos o trabalho com a Literatura de Cordel em sala de aula como forma de despertar o senso crítico do aluno, bem como sua capacidade de observação da realidade social, histórica, política e econômica, principalmente na região Nordeste, por ser onde nós vivemos, assim como pelo fato de ser esse o local do nosso país em que essa manifestação popular encontrou maior facilidade de propagação.

Justamente por refletir claramente a individualidade da língua, incluindo-se aí as variedades lingüísticas fartamente encontradas no Nordeste brasileiro, a Literatura de Cordel nos fornece material à exaustão para a abordagem dos gêneros textuais em sala de aula, sempre tomando por base as idéias de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso.

Além desse autor, percebemos que o tema abordado, ao observar não só a riqueza estilística da Literatura de Cordel, como também as possibilidades de debate sobre a nossa realidade social, política e econômica, nos coloca em sintonia com a visão sociointeracionista de aprendizagem proposta pelo psicólogo russo Vygotsky, uma vez que ele concebe a educação formal, aquela desenvolvida na escola, em termos de interação, apontando seu caráter como instrumento essencial de humanização, o que não poderia jamais ser alcançado através de um verbalismo vazio.

[1] Pós-graduada em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira, graduada em Direito e Pedagogia pela UFS, mestranda em Letras pela UFS, leciona há 17 anos, sendo os últimos 08 anos no Ensino Médio, ex-conselheira do Conselho Estadual de Educação de Sergipe.

Aliás, é justamente a crítica ao verbalismo vazio e descontextualizado, com ênfase nas regras gramaticais, que esse artigo se propõe a fazer, sempre tomando por base o pensamento desses dois autores já citados, sem perder de vista os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), já que sugerem um ensino interdisciplinar e contextualizado, voltado para o exercício da cidadania, no qual o aluno seja efetivamente protagonista do processo de aprendizagem.

Dessa forma, o que propomos é que a linguagem seja vista como um meio fundamental para a construção tanto de significados e conhecimentos quanto para a constituição da identidade do estudante, pois a cada dia que passa o mundo exige mais criatividade, senso crítico e capacidade de interpretação não só de textos como também do mundo.

ALÉM DA BELEZA DA RIMA

A Literatura de Cordel faz parte do romanceiro popular do Nordeste e teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi nessa região, local de menor letramento e de acesso mais difícil à imprensa, que o Cordel, essas narrativas em versos impressas em papel simples e penduradas num barbante, conhecido como cordel, encontrou terreno mais fértil para se propagar (GALVÃO, 2001)

Pelo fato de esse tipo de literatura ser carregado de toda uma expressividade e historicidade relacionada à cultura popular, sentimos a necessidade de contemplá-la não só em sua expressão literária, mas também como prática sócio-discursiva, principalmente na sala de aula, por ser esse um local de ampla construção do conhecimento.

Segundo Bakhtin (2000), seja qual for a esfera da atividade humana, ela estará sempre relacionada à utilização da língua e essa será efetuada sob a forma de enunciados, orais ou escritos, que irão refletir as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas. O todo do enunciado será a fusão de três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

A partir desse pensamento, o autor nos propõe o conceito de gêneros do discurso. "Qualquer enunciado consideradamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora sues tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*."(BAKHTIN, 2000, p. 279)

Como a capacidade de variação da atividade humana é muito grande, os gêneros do discurso se apresentam com uma riqueza e variedade inesgotáveis, manifestando toda a sua heterogeneidade. Apesar disso, o autor faz uma distinção para separar os gêneros primários e os secundários

> Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sócio-política. Durante o processo de sua formação, os gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal. (BAKHTIN, 2000, p. 281)

De acordo com essa classificação, podemos considerar a Literatura de Cordel como um gênero secundário e plurivocal, uma vez que se trata de uma manifestação artística dentro da cultura popular.

Vale lembrar que, quando os gêneros primários se tornam componentes dos gêneros secundários, passam por uma transformação e adquirem uma característica particular: rompe-se sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. Além disso, não se pode deixar de observar que alguns gêneros possuem maior facilidade de refletir a individualidade da língua, enquanto outros, por possuírem formato padronizado, não permitem isso. No primeiro caso, podemos citar como exemplo os gêneros literários. (BAKHTIN, 2000)

Para o professor que pretende trabalhar com a diversidade de gêneros em sala de aula, é fundamental distinguir em qual categoria seu objeto de trabalho deve se encaixar, a fim de que se torne mais fácil extrair o material lingüístico de que necessita. No caso da Literatura de Cordel, é perfeitamente clara a sua classificação nos gêneros secundários, baseada no fato de que há toda uma estrutura complexa e elaborada.

Um estudo, a fim de ser considerado válido e produtivo, deve ter como ponto de partida o fato de que cada gênero contém os estilos da língua e, por isso, um estudo prévio dos gêneros em sua diversidade deve servir de base. Vale ressaltar que mudanças que por ventura ocorram nos gêneros do discurso jamais podem ser separadas das transformações históricas dos estilos da língua.

Nesse ponto, chama-se a atenção para o fato de que, se a literatura recorre às camadas correspondentes da literatura popular para atender às suas necessidades, ela faz uso obrigatoriamente dos gêneros do discurso através dos quais essas camadas se atualizaram (ROJO, 2006). Esse pensamento nos leva a concluir que o popular e o erudito possuem uma relação de mão dupla, ou seja, um sempre toma conhecimento do outro, mais cedo ou mais tarde. Esse movimento amplia a capacidade de leitura da Literatura de Cordel, pois aumenta as possibilidades de exploração do estilo e da estética desse tipo de produção artística.

A escola entra nesse ponto como veículo capaz de levar os alunos a entrar em contato com o maior número possível de gêneros textuais, fazendo com que eles sejam não somente ferramenta de comunicação, mas também objeto de ensino-aprendizagem. Dessa forma, o texto de cordel pode ser usado como um meio, um recurso a mais para a interlocução do aluno com a sociedade. O cuidado que se deve ter é de apenas não tomar esse trabalho na escola como um mero pretexto para uma abordagem puramente gramatical ou mesmo literária, mas sim discuti-lo em toda a sua riqueza, que envolve não só as questões acima mas também contextuais, o que serve de ponto de partida para a discussão dos problemas sociais, históricos, políticos e econômicos do nosso país.

O que nos preocupa é o fato de que o ensino de Língua Portuguesa no Brasil está, tradicionalmente, ligado à exploração da gramática normativa em suas perspectivas descritiva e analítica, ou seja, com ênfase no conjunto de regras que a compõem e na identificação das partes que formam o todo, com suas respectivas funções. (ROJO, 2006)

Todavia, já no final do século XX, as concepções de aprendizagem como fruto de uma relação dialética do indivíduo num certo grupo social vão enfatizar a importância do contexto sócio-histórico no processo de desenvolvimento do ser humano, tal como nos propõe Vygotsky (2007). Para ele, o ser humano transforma e é transformado nas relações sociais em que está inserido, entretanto sua relação com o meio não ocorre de forma direta, e sim através de sistemas simbólicos que representam a realidade, sendo a linguagem o principal de deles.

É preciso entender que, numa visão sociointeracionista, o texto não entra na sala de aula como pretexto para uma abordagem simplista da gramática ou da literatura, tampouco paras servir de modelo pura e simplesmente. Ao contrário, deve ser visto pelas vozes que pode trazer e pelo seu potencial de significações, pela relação que pode estabelecer com outros textos ou mesmo com a realidade do mundo.(ROJO, 2006) Nesse sentido, nosso projeto busca explorar as diversas possibilidades de leituras estéticas e sociais que o texto de cordel pode proporcionar em uma aula de Língua Portuguesa.

Magalhães (2005) corrobora com esse ponto ao destacar que a literatura vem sendo usada como pretexto para o ensino da gramática e, por isso, sua relação com a vida tem se perdido, fato que tem levado ao abandono da reflexão sobre a realidade em detrimento da expressão da forma lingüística. Além disso, ela alerta ainda para a prisão que se tem estabelecido na relação com os estilos de épocas literárias, uma vez que aos alunos têm sido ensinadas apenas as características de cada uma, o que reduz o texto literário a uma ilustração dessas classificações.

Dessa forma, a autora acrescenta que os alunos têm perdido a noção de que as escolas literárias decorrem da criatividade dos escritores em dado momento histórico-social.

> As determinações da realidade são o pressuposto da arte, cabendo à análise literária esclarecer como um sujeito histórico reflete uma realidade também histórica, porque obra de homens e mulheres reais. (MAGALHÃES, 2002, p.134, apud MAGALHÃES, 2005)

Segundo Chiappini (2005), para que os textos sejam realmente compreendidos é necessária uma visão interdisciplinar, a qual irá exigir muito mais que a decodificação de sinais. A leitura é vista como parte do mundo e, por isso, requer a mobilização de diversos conteúdos que irão se constituir na interação texto-leitor. Nessa relação, serão de fundamental importância os objetivos do leitor, porque são eles que vão determinar a busca pelo aprofundamento em determinados conteúdos e métodos.

A autora nos chama a atenção ainda para o papel da escola como crucial na ampliação não só do público leitor, mas também do material de leitura e dos modos e ritmos de ler. Nesse ponto, podemos nos reportar à importância do contato dos alunos com os diversos gêneros textuais, conforme já citado anteriormente. Aliás, ela nos alerta para a necessidade de valorizar as condições concretas de comunicação literária, alegando que a leitura não se dá no vazio, já que se trata de uma atividade que implica sociabilidade.

A leitura surge na escola como uma oportunidade de colocar o aluno em confronto com o outro, propondo-lhe o desafio de enxergar a pluralidade cultural como forma de levá-lo a ser capaz de exercer a sua cidadania plenamente, sem vestígios de imposição de uma cultura sobre a outra. Portanto, nossa discussão não busca a substituição de textos literários canônicos por textos da Literatura de Cordel, mas sim ampliar o leque de leitura dos alunos, a fim de lhes proporcionar um contato mais plural com as diversas formas de gêneros textuais e artísticos encontradas no Brasil.

Observa-se que, a cada dia que passa, o mundo contemporâneo exige mais agilidade, criatividade, rapidez de pensamento, discurso persuasivo e adequação de estilo, o que impõe à escola algo novo: levar o aluno a apropriar-se dos escritos para agir na vida (ROJO, 2006). Nesse contexto, a diversidade dos gêneros textuais ganha força em sala de aula, pois vai colocar o aluno em contato com uma gama de opções textuais, as quais, conseqüentemente, fornecerão diversas visões de mundo.

É justamente a partir desse momento que se torna possível desenvolver o senso crítico do aluno, levando-o a perceber não só a sua posição no mundo como também a posição do outro, representada nos diversos contextos sociais. O contato com a Literatura de Cordel pode ser capaz de proporcionar aos alunos uma ampliação de sua capacidade de enxergar as diversidades sociais, políticas,

econômicas e culturais de nosso país, principalmente na região Nordeste, palco de tantas disparidades.

Voltamos a ressaltar que o trabalho com o folheto de cordel em sala de aula não pode ser resumido a uma simples leitura dos textos ou até mesmo a uma produção de cordel. Esse trabalho deve ir mais longe, procurando sempre estabelecer relações entre o que está escrito e a realidade de nosso país, levando o aluno a pensar o seu lugar no mundo e o daqueles que produzem, consomem e apreciam a Literatura de Cordel. Isso significa dizer que devemos parar de fingir uma prática sociointeracionista para começarmos a vivê-la em sua essência.

ENCERRANDO A CONVERSA

Abordar a presença da Literatura de Cordel em sala de aula implica refletir, entre outras coisas, sobre as concepções de leitura, literatura e ensino postos em prática no cotidiano das escolas. Seria propor uma forma de estimular os alunos a enxergarem o que há por trás dessas produções textuais, não só no que diz respeito ao texto em si, mas com relação às vozes que ele traz consigo. Vozes essas capazes de expressar questões morais, políticas, sociais, econômicas e culturais.

O aluno de hoje precisa enxergar o mundo além de si mesmo, sob pena de, não o fazendo, ficar à margem do próprio mundo em que vive, já que a modernidade se faz presente e exclui aqueles que não preenchem seus requisitos ou se contentam com o superficial. Paralelamente a isso, a necessidade de mudar o contexto socioeconômico em que vivemos tem se tornado urgente e só pode ser alcançada mediante uma educação crítica, voltada para os preceitos sócio-interacionistas.

A Literatura de Cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto.

A partir desse momento torna-se mais fácil que o aluno se perceba como um ser pensante e crítico, capaz de compreender não só a si mesmo como também ao outro e, conseqüentemente, tornar-se apto a intervir na realidade, a fim de mudá-la para melhor.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 1998.

CHIAPPINI, Lígia. Reinvenção da catedral. São Paulo: Cortez, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de O. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MAGALHÃES, Belmira. O ensino de Literatura e a interconexão entre representação literária e história. In: Leitura. Maceió: Imprensa Universitária, UFAL, 2005

ROJO, Rosane. O texto como unidade de ensino e o gênero como objeto de ensino da Língua Portuguesa. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Encontro na linguagem: estudos lingüísticos e literários. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.